

Mapeando as Influências da Família de Origem na Construção da Conjugualidade: Questões para a Terapia de Casal

Lilia Maria Bittencourt¹

Marcelino Flores Saldaña²

Mariza Moreno³

Monica de Vasconcellos Dias⁴

Resumo

Esse trabalho tem como proposta discutir a relação entre as dificuldades apresentadas pelo casal na construção de sua conjugualidade e os padrões que cada um traz de sua história com as famílias de origem, analisando o modo como esses aspectos aparecem nas demandas que surgem na terapia de casal. Conduziremos nosso estudo fazendo uma reflexão teórica sobre as demandas para a terapia de casal, o processo de construção da conjugualidade e o processo de diferenciação dos cônjuges de suas famílias de origem, articulando essa discussão com a apresentação de um caso clínico.

Palavras-Chave: família de origem; conjugualidade; diferenciação; fronteiras; lealdade

Mapping the Influences of the Family of Origin on the Construction of Conjugality: Questions for Couples Therapy

Abstract

This paper discusses the connection between the difficulties couples experience when building their marital relationships and the standards that each of the partners brings from his/her upbringing in their families of origin. To do this, it analyses how these two aspects appear on the demands that arise in couple therapy. The study will be conducted by a theoretical reflection on the demands

¹ Psicóloga Clínica com especialização em entrevista motivacional, dependência química, transtornos alimentares e obesidade. Pós-graduanda em Psicoterapia de Casal e Família na PUC-Rio; Membro da ATF-RJ.

² Psicólogo Clínico e pós-graduando em Psicoterapia de Casal e Família na PUC-Rio.

³ Psicóloga Clínica e pós-graduanda em Psicoterapia de Casal e Família na PUC-Rio.

⁴ Psicóloga, especialista em Terapia Familiar Sistêmica Núcleo Pesquisas-RJ Mestre e Doutora em Psicologia Clínica PUC-Rio, docente do curso de especialização em Psicoterapia de Casal e Família PUC-Rio, docente do Curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida; Terapeuta de Família e Casal, Membro da ATF-RJ, Membro da ABRATEF.

for marriage counseling, on the process of constructing conjugality, and on the process of spouses differentiation from their families of origin. The discussion will be linked to the presentation of a clinical case.

Keywords: *family of origin; conjugality; differentiation; boundaries; loyalty*

Introdução

Na clínica com casais, muitas vezes, as queixas trazidas, pelos cônjuges, para a psicoterapia, envolvem as famílias de origem, de um ou de ambos, seja pelo relacionamento do casal com estas, ou pelas expectativas que cada parceiro traz para a relação a partir dessa vivência anterior. A dificuldade que cada membro do casal tem, para diferenciar-se de sua família de origem, pode afetar a dinâmica conjugal, na medida em que interfere na construção de uma identidade comum e repercute no estabelecimento de fronteiras entre o casal e as suas famílias de origem, criando dilemas de lealdade e de pertencimento, que afetam a relação conjugal.

Para trabalhar esses aspectos, na terapia de casal, é importante partirmos de uma discussão sobre a queixa trazida para o processo terapêutico, buscando compreender a relação desta com a dinâmica conjugal e com o modo como as dificuldades apresentadas pelo casal, podem estar ligadas tanto às suas vivências na família de origem e o apego a esses padrões de interação, quanto a uma fragilidade na construção das referências conjuntas que dão sustentação a identidade conjugal.

Nesse sentido, o processo terapêutico com o casal pode fortalecer a construção da conjugalidade e auxiliar cada componente do casal a diferenciar-se de sua família de origem. Na medida em que, os papéis, vínculos e valores são redefinidos, o casal pode manter uma conexão afetiva com suas famílias de origem, mas diferenciar-se de *legados* que interferem na construção de sua conjugalidade e dificultam a estruturação de referências mais apropriadas à sustentação de seu universo comum.

Entendemos, que o mapeamento do percurso, que envolve o entendimento da demanda do casal para a terapia; a discussão de suas dificuldades relacionais cotidianas e a articulação desses com a explicitação dos modelos e padrões, trazidos por cada um de suas famílias de origem, é estabelecido através do uso de recursos terapêuticos como o genograma e a própria reflexão dialógica, que se efetua na conversação do contexto terapêutico. Para discutirmos esse processo, partiremos da análise de um caso clínico de psicoterapia de casal.

Eu, você, nós e eles: um caso clínico

Joana e Mário procuraram o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de uma Universidade no Rio de Janeiro em busca de psicoterapia de casal. Joana trouxe como queixa as constantes brigas do casal. Mario tem 35 anos e Joana 31. Estão juntos há 12 anos, casados há cinco e têm um filho com quatro. Foram vizinhos e continuam morando no mesmo bairro, próximo às suas famílias de origem. Para o casal, as queixas iniciais mais importantes para o processo terapêutico eram: a desorganização doméstica de Joana; a pouca participação nas rotinas da casa, por parte de Mario; as discordâncias com relação à educação do filho e um desgaste afetivo e sexual, percebido nas entrelinhas, além de muitas críticas pessoais e às famílias de cada um.

Joana não apresentava dificuldades para reconhecer os problemas de sua família de origem. Fazia fortes críticas ao pai, e relatava dificuldades de relacionamento com a irmã e com a mãe. Contou que seus pais foram contra seu casamento e faziam restrições a Mario, por sua origem humilde. Segundo Joana, seus pais tinham planos diferentes para a sua vida profissional e pessoal, o que não acontecia com a sua irmã mais nova, que corresponde aos ideais paternos, de construção de um status social não alcançado por eles.

A vida profissional de Joana ocorre no espaço doméstico – *Home Office* – o que tem dificultado a construção de fronteiras entre as vidas: doméstica e profissional. Mario, por exemplo, entende que ela, por estar em casa durante o dia, pode estar sempre disponível para a família. As mães de Joana e Mario nunca trabalharam fora, mas diferente da mãe de Mario, que sempre se dedicou aos cuidados da casa e dos filhos, a mãe de Joana nunca aceitou o trabalho doméstico.

A família de Mário era vista por Joana como muito invasiva e a mãe muito protetora e parcial em relação aos filhos. Ele concordava com algumas críticas, mas se apressava em justificá-las. Mário foi o único filho que conseguiu sair de casa: o mais velho é solteiro, mora com os pais até hoje e o mais novo voltou para a casa paterna depois de uma separação. Mario trabalha com o pai em uma empresa de propriedade da família e, segundo Joana, está sempre sendo requisitado para “apagar os incêndios” na família de origem.

No decorrer das sessões, as famílias de origem estavam sempre presentes nas brigas do casal. Enquanto Mário defendia sua família das críticas de Joana, esta ouvia as críticas de Mário, acerca de sua família, sem contestar e algumas vezes até, concordando e acrescentando detalhes às narrativas do marido. Joana e Mário tem relacionamentos distintos com suas famílias e essa diferença,

é motivo de muitos desencontros. Nas frequentes disputas do casal, as famílias de origem funcionavam como instrumento para a desqualificação do outro. Os problemas não ficavam restritos aos fatos. Esses eram sempre ampliados e acontecimentos passados eram trazidos para justificar atitudes presentes. As famílias de ambos eram constantemente responsabilizadas, pelo casal por seus desencontros e a constante descrença em possíveis acordos era justificativa para os embates.

Com frequência, ambos reivindicavam do outro, um posicionamento frente às suas famílias de origem, como se isso fosse importante para se sentirem valorizados pelo parceiro. Assim, os fatos se perdiam e as soluções não ocorriam. Joana e Mário não conseguiam separar o que era das famílias de origem e o que era da família que eles formaram, ou talvez, sequer tivessem construído um núcleo familiar próprio.

Embora, cobrasse do marido uma atitude mais firme diante das demandas de sua família, Joana demonstrava, em suas colocações, afeto por eles, principalmente por seu sogro, pessoa de quem gosta e a quem admira. Em uma das sessões, fez referência à conjugalidade dos pais de Mário, comentando, que, apesar dos anos que estão juntos, são muito carinhosos um com o outro além de companheiros. Por outro lado, Mário, embora se sentisse alvo de desconfianças e preconceito, por parte da família de Joana, tinha um bom relacionamento com a família da esposa.

Ambas as famílias têm a mesma origem estrangeira, mas a de Mário, muito numerosa, em sua grande maioria, permanece em seu país de origem e somente um dos oito filhos de seus avós maternos separou-se da mulher. Na família de Mário evidencia-se uma hierarquia em relação às idades dos familiares e o respeito aos mais velhos é algo muito observado. Na família de Joana o mesmo não ocorre, inclusive seus pais já se separaram, mas atualmente estão vivendo maritalmente e os embates são comuns e frequentes, principalmente entre Joana e o pai, o que desagrade sobremaneira a Mário, que vê desrespeito nas atitudes da esposa para com o pai, seu sogro. Durante as sessões foi observado que Mário evitava se contrapor aos familiares, tanto aos seus, quanto aos de Joana, repetindo uma característica própria de sua família de origem.

Compreendendo a demanda terapêutica do casal

As constantes brigas do casal foram o disparador para a busca da psicoterapia. Embora, o mal-estar fosse comum ao casal, a percepção da contribuição de cada parceiro para a constituição de suas dificuldades ainda estava, nesse

momento, muito centrada nos comportamentos individuais: cada cônjuge atribuía o problema ao outro ou à sua família de origem. Era clara a dificuldade do casal em aceitar as diferenças entre as famílias de origem, sem atribuir a essas diferenças uma conotação de valor. Como visto, no seguimento anterior, as famílias de Mario e Joana, a partir de suas histórias, construíram diferentes padrões de funcionamento, mas guardavam, como semelhança, a indiferenciação entre seus membros. À essa indiferenciação Mário e Joana reagiam de forma distinta: enquanto Mario guardava, em relação à sua família de origem uma extrema lealdade, aos princípios, valores e padrões familiares; Joana reagia à sua família a partir de uma postura crítica que se orientava por constantes embates em relação ao pai e à irmã, principalmente. Se Mario, estava preso aos padrões de sua família de origem pela repetição desses padrões, Joana mantinha-se presa através de uma postura reativa. Desta forma, o início da terapia do casal envolveu um entendimento da queixa trazida, ampliada por um recorte teórico, que permitisse uma compreensão de como esse casal constituiu sua conjugalidade e em que medida os padrões trazidos da família de origem afetaram esse processo (Bowen,1985; Minuchin,1982; Dias,2000).

A percepção de que a análise das influências das famílias de origem, na problemática do casal, teria relevância, começou a se constituir a partir de um discurso recorrente, que articulava as críticas pessoais às famílias de origem de cada cônjuge. As queixas iniciais do processo terapêutico eram frequentemente articuladas às vivências nas famílias de origem de cada um, trazidas à discussão pela ótica crítica do parceiro, criando um intenso desgaste na relação. Tornava-se, portanto, necessário separar para o casal o que era da família de origem, do que era de cada um e do casal.

Carter e McGoldrick (2001), também, nos ajudam a compreender esse processo, na medida em que afirmam que o casamento demarca, no ciclo vital, uma nova etapa na família, na qual se torna essencial que os cônjuges consigam diferenciar-se de suas famílias de origem, para formar o seu próprio núcleo familiar. Isto nem sempre, é uma tarefa fácil para os casais, sobretudo para aqueles que têm forte ligação com a família de origem. Desta forma, o casamento não diz respeito apenas aos vínculos interpessoais entre duas pessoas, mas também a todo o ecossistema com o qual estas pessoas estarão interagindo daí em diante. Cada pessoa, ao se unir à outra, carrega consigo toda uma história individual que, por sua vez também, está constituída de raízes familiares e transgeracionais que se perpetuam ao longo do tempo.

“Os especialistas em família dizem que o nascimento de um casal é uma das tarefas mais difíceis do ciclo vital” (Cerveny & Berthoud, 1997, p. 56). Se-

gundo as autoras, a nova história que se inicia traz, como texto, as histórias de vida de cada um: padrões individuais, crenças, percepção de mundo, desejos e expectativas e como desafio: a difícil tarefa de conjugar seu histórico individual com a construção de uma nova história comum. As dinâmicas das relações conjugais, portanto, são influenciadas por fatores culturais, sociais e econômicos e é na trama das relações construídas, sob a influência desses três campos, que serão tecidos os significados, que cada cônjuge levará em sua bagagem, para serem compartilhados.

Segundo Venturine (2011), diferentes teóricos consideram os conflitos conjugais, especialmente os que ocorrem no início do casamento, como decorrentes das dificuldades experimentadas no processo de separação - individuação, por parte de um ou ambos os cônjuges, em relação às suas famílias de origem. Nesse sentido, os conflitos de lealdade, com o núcleo familiar original, impedem que a pessoa consiga afrouxar os laços familiares para ligar-se ao parceiro e formar a base de uma nova família (Costa, 2000; Groisman, 2000; McGoldrick, 2007).

O casamento, segundo Carter e McGoldrick (2001), simboliza uma mudança no status de todos os membros da família e das gerações, o que pressupõe a necessidade de uma negociação com os novos relacionamentos. Na qualidade de par, o casal terá que negociar com outros subsistemas: pais, avós, irmãos, sobrinhas e sobrinhos e com os amigos. Cada cônjuge irá lidar com sua família de origem de um modo próprio. Alguns casais entendem, que o casamento seria a única possibilidade de se separarem de suas famílias, esses tendem a um padrão de emaranhamento, que persiste depois do casamento. Outros rompem, emocionalmente, com suas famílias antes mesmo de o casamento acontecer e um terceiro padrão mantém um contato continuado com conflitos permanentes com os pais e irmãos.

Alguns casais levam para o casamento questões de relacionamento com suas famílias, transferindo, para o cônjuge, as lutas que travam com seus pais. Esses escolhem parceiros para manejarem, por eles, as suas famílias, como se tivessem transferido para os cônjuges suas batalhas, colocando-se como meros espectadores das mesmas. Para Carter e McGoldrick (2001), a maioria dos problemas conjugais deriva-se de problemas não resolvidos com a família ampliada e não, como os cônjuges podem pensar, dos seus próprios conflitos. Para Loriedo e Strom (2002), a construção do processo emocional entre os cônjuges se intensifica, quanto maior for o rompimento emocional dos parceiros com suas famílias de origem. No entanto, Wagner e Falcke (2014) acreditam que, embora as pessoas possam desejar construir modos diferentes aos de suas famílias de origem, esbarram em uma dificuldade: Sendo os pais (ou pessoas que exercem

essa função) os modelos para os filhos, existe uma tendência à repetição de padrões/modo de funcionamento dos mesmos.

Neste sentido, Severino (1996), citado por Falcke, Wagner e Mosmann (2014), defende que os aspectos transgeracionais, aprendidos e vivenciados na família de origem, são perpetuados, também, pelas observações que as pessoas fazem do casamento de seus pais. O relacionamento dos pais é considerado pelos filhos como o modelo de vínculo conjugal e será visto como base para a construção de suas relações amorosas. Mesmo, que demonstrem a vontade de encontrar novos modelos, buscam uniões semelhantes. Na verdade, a busca estará relacionada às suas vivências familiares: se preponderantemente positivas, demandarão uma relação semelhante, se preponderantemente negativas buscarão relações bem diferentes. Contudo, o autor lembra que em muitos casos, a tentativa de contrariar o modelo familiar pode levar os parceiros a depararem-se com uma versão diferente da mesma situação, o que resultará em sofrimentos semelhantes àqueles derivados do padrão vivenciado na família de origem.

Com o objetivo, então, de melhor conhecer os padrões familiares e suas interferências na conjugalidade de Joana e Mario, utilizamos como recurso a construção do genograma das famílias de origem, que nos possibilitou clarear a demanda, que vinha sendo construída. Tal recurso nos permitiu identificar: fronteiras difusas, entre as famílias de origem e o casal, com muitas interferências, gerando grande parte dos conflitos conjugais; dificuldades na construção do processo de diferenciação, em relação às famílias de origem, afetando a dinâmica relacional bem como dilemas de lealdade e pertencimento.

Compreendemos, então, que o casal Joana e Mário trazia em seus embates reflexos desse processo de diferenciação, projetando para os problemas conjugais aspectos originários de questões, que envolviam mais as suas relações com as famílias de origem do que, propriamente, as relacionadas com a estrutura da família atual. Assim, tornou-se necessário trabalhar, com o casal, o fortalecimento da conjugalidade. O trabalho teve, como eixo principal, a explicitação do padrão que cada um trouxe de sua família de origem e a necessidade de construir fronteiras diferenciando o casal dos seus núcleos originários e permitindo, assim, que a construção da conjugalidade pudesse emergir.

Nesse sentido, o trabalho terapêutico desenvolveu-se a partir da construção das fronteiras entre o casal e as famílias de origem, de modo que os cônjuges pudessem estabelecer limites claros entre o espaço conjugal e suas famílias, mantendo os vínculos com as famílias de origem e preservando as raízes familiares. Foi explorado, com o casal, os compromissos de lealdade que interferiam no processo de diferenciação e dificultavam a construção de um padrão próprio

de conjugalidade, para além da reatividade ou da repetição dos padrões das famílias de origem.

A conjugalidade em construção

A construção da conjugalidade é um processo gradual, que envolve dois indivíduos e uma relação, que é constituída pela intervenção dos dois cônjuges, mas com características que vão além das individualidades. A relação conjugal constituída, como um terceiro elemento, tem uma dinâmica própria, com demandas e necessidades específicas que, para ser viabilizada precisa de um projeto que seja constituído conjuntamente pelos parceiros. Esse processo envolve uma redefinição das identidades e projetos individuais e uma construção de referências e projetos compartilhados, o que requer, também, uma diferenciação dos padrões trazidos das famílias de origem. Assim, a construção da conjugalidade torna-se um processo complexo, na medida em que articula a individualidade constituída, na relação com a família de origem, e sua redefinição necessária para o estabelecimento do casal (Féres-Carneiro, 1998; Dias, 2000).

Nas discussões familiares se Joana ou Mário não se posicionavam contra suas famílias de origem e a favor do outro, este se sentia desvalorizado pelo parceiro. Colocar-se ao lado do cônjuge e contra a família de origem era para eles uma sinalização da identidade conjugal. Contudo, nesse momento, apareciam, também, as características individuais, pois, Joana é mais confrontadora nesse processo do que Mário. Tornou-se importante, então, ajudar o casal a perceber suas diferenças individuais e a construir uma tolerância para o modo como cada um podia construir fronteiras, diferenciando-se da família de origem, sem que, necessariamente, esse confronto tivesse que se estabelecer da mesma maneira.

O casamento requer negociações de demandas individuais que, por sua vez, estão impregnadas de hábitos, costumes e valores herdados das famílias de origem. Nesse processo, cada cônjuge vai trazer seu repertório conhecido, tentando demarcar, nessa negociação, a posição que seja mais confortável para manter esses padrões. Contudo, a construção do universo comum exige, justamente, a flexibilização desses padrões em prol do estabelecimento de novas referências. Os embates do casal, Joana e Mário, evidenciavam essa situação nos momentos em que um cobrava do outro o desempenho dos papéis de gênero na relação conjugal e parental, de acordo com uma determinada visão. Joana reivindicava um maior posicionamento de Mário em relação ao trabalho com seu pai na empresa familiar, enquanto Mário esperava de Joana uma maior organização do universo doméstico. Aqui, entravam em cena as concepções de

cada um sobre os papéis de gênero que se articulavam nas representações de provedor e cuidadora. O casal, imediatamente, ligava isso às suas referências da família de origem, desqualificando as referências do outro. Assim, Joana é desorganizada, porque a sua mãe a criou mal e Mário não se posiciona, e por isso sua família o explora. Desta forma, foi necessário ajudar o casal a descolar um pouco a imagem do cônjuge da imagem da família deste. O filho será sempre um reflexo de seus pais? Onde está a individualidade de cada um? Para esse casal, o dilema da construção da conjugalidade estava ainda mais complicado, pois, antes de compreenderem que o casal se constitui por dois indivíduos e uma relação, precisavam compreender que a individualidade se constitui para além das referências e identidades familiares.

A construção de um universo comum, que abarque as necessidades e demandas pessoais, é fundamental para que a identidade conjugal se fortaleça. São vários os aspectos que se articulam nesse processo, tanto em relação aos indivíduos, quanto ao laço que estes estabelecem. Assim, independente do objetivo ou do significado, que possa ter o laço entre parceiros, este é sempre uma criação do casal. Embora a representação do casal possa ser anterior ao encontro do parceiro, a sua constituição só é possível pela vivência da relação, configurando-se em um processo de construção mútua (Féres-Carneiro, 1998; Dias, 2000).

O desafio terapêutico do casal Joana e Mário era, portanto, reforçar o processo de construção mútua da relação conjugal, ao mesmo tempo em que se diferenciavam das referências de suas famílias de origem. Ser um casal não significa romper com a família de origem, mas, ajustar suas lealdades e referências na construção de novas formas de se relacionar (Bowen, 1985; Borzormenyi-Nagy & Spark, 1973).

O novo casal e as famílias de origem

Bowen (1978), citado por Papero (1998), defende que o processo de individualização, crescimento e pertencimento é possibilitado pela passagem da família de origem para a família adquirida. A partir do estabelecimento de limites claros, entre o espaço conjugal e as famílias de origem, o casal irá construir sua intimidade. No entanto, é necessário lembrar que a manutenção do vínculo com as famílias de origem preserva as raízes familiares na construção da identidade conjugal, o que permite concluir, que a saúde conjugal pressupõe uma coexistência entre limites e vínculo, no que se refere às famílias de origem.

Segundo Nichols e Schwartz (2007), a adaptação e a determinação de fronteiras, para o estabelecimento do novo casal, são exigências estruturais e cons-

tituintes dessa nova relação. Nesse processo, cada cônjuge tenta organizar o relacionamento, de acordo com as suas vivências na família de origem e com as suas expectativas quanto à relação conjugal. Cada parceiro pressiona o outro, para que a dinâmica estabelecida seja aquela que lhe é familiar. A adaptação entre os membros de um casal pressupõe uma negociação acerca da natureza da fronteira a ser construída entre eles e das que irá separá-los do mundo exterior. Assim, eles vão precisar estabelecer: se cada um dos dois terá amigos próprios e atividades externas independentes ou se os momentos de lazer serão usufruídos sempre de forma conjunta; se terão contas separadas ou conjunta etc., ou seja, que tipo de fronteira haverá entre o individual e o conjugal e entre o conjugal e o mundo exterior. Essa adaptação faz-se necessária na medida em que os cônjuges provêm de famílias com graus diferentes de aglutinação ou dispersão e, tendem a se sentir mais confortáveis, mantendo o seu padrão familiar.

Para Minuchin (1982), conciliar essas diferentes expectativas é uma tarefa importante e difícil, mas que o novo casal terá que desempenhar. Ainda segundo o autor, os casais, também, precisam estabelecer fronteiras que os separem de suas famílias de origem, de modo a definir a nova união e a proteger a intimidade do sistema conjugal. Após o casamento, as famílias de origem precisam ficar em segundo plano, porque os compromissos fundamentais dos novos esposos passam a ser com a estruturação desse novo núcleo familiar. Esse é um ajuste difícil tanto para os recém-casados como para seus pais e dependendo da dinâmica da família de origem, esta vai lidar melhor ou pior com a situação e gerar mais ou menos problemas para o novo casal.

A família, segundo Bowen (1985), é uma rede multigeracional de relacionamentos, responsável pela construção de uma relação de interação entre individualidade e proximidade. O passado multigeracional e as experiências de vida da própria família determinam a capacidade de cada um, em manter a separação entre os seus sistemas emocional e intelectual. A família permanece dentro de nós, uma vez que carregamos a reatividade emocional não resolvida com nossos pais. E, por esta razão, tornamo-nos vulneráveis para repetir os mesmos antigos padrões em todo relacionamento novo e intenso, que entramos. Percebemos que reatividade é um padrão familiar de Joana que se repete na sua relação com Mário. Ela, inclusive, admite que essa é uma característica própria do temperamento de seu pai e reconhece em Mario a capacidade de ser a porção racional do casal.

Quanto maior a diferenciação de uma pessoa de sua família de origem, maior será a capacidade da mesma para conseguir lidar com pressões emocionais internas ou externas. Pessoas indiferenciadas, por terem recursos emocio-

nais mais escassos, tendem a projetar no outro todas as suas necessidades, podendo produzir situações como: distância emocional reativa; disfunção física ou emocional em um dos parceiros; conflito conjugal; projeção do problema em um ou mais filhos. Nem todos os adultos que casam e saem da casa dos pais conseguem ter maturidade e independência da família, para construir seu próprio núcleo familiar.

Loriedo e Strom (2002) acreditam, que a falta de diferenciação da família de origem faz com que a pessoa possa apresentar ansiedade crônica, reatividade emocional e imaturidade. A fusão emocional acarretará dificuldades na diferenciação de seu desejo com o desejo dos outros, o que, provavelmente, acarretará sofrimento ao indivíduo, que não conseguindo se constituir independente antes de se casar, pode transferir a dependência de sua família para seu cônjuge. O cônjuge diante de um (a) parceiro (a) dependente pode sentir-se incompleto, imaturo e incapaz de tomar decisões. Essa reatividade é um aspecto que aparece, frequentemente, na dinâmica relacional do casal, Joana e Mário.

Segundo Angelo (1995), a escolha do parceiro recebe influência dos aspectos históricos da vida pessoal dos envolvidos. Isso ocorre sob a forma de valores e de funções transmitidas pelo mito e pela história da família de origem. Os mitos familiares atribuem funções aos seus membros: uma filha pode ter como função suprir as deficiências maternas, como por exemplo, as aspirações de prestígio social, que sua mãe não conseguiu realizar em seu casamento. Os pais de Joana esperavam que suas filhas alcançassem o status social que eles não conseguiram alcançar, fosse profissionalmente ou pela escolha do parceiro o que, no caso de Joana, não ocorreu. Joana desapontou os pais escolhendo Mário e abandonando a profissão para a qual se preparou, indo em busca de uma realização, em um trabalho, que seus pais julgavam de menor importância.

O casal, Joana e Mário, enfrentava dilemas de lealdade em relação às suas famílias de origem, que afetavam a relação conjugal, na medida em que dificultavam uma maior aproximação entre eles, quando havia uma divergência entre a sua realidade cotidiana e os legados familiares. Esse sentimento era visto mais fortemente em relação à Mario, observado em suas atitudes de proteção, em relação aos irmãos e aos pais, mas principalmente à mãe. Mario cumpre as expectativas familiares de união e preservação do modelo familiar – uma família tradicional e patriarcal - que se preserva a despeito de viverem em diferentes continentes. Isso pode ser melhor entendido a partir do que Boszormenyi-Nagy (1994), citado por Branco (2008) considera como lealdade familiar. Para o autor, ela está submetida aos parentescos biológicos e hereditários e cada membro da família está sujeito às suas expectativas, mesmo quando não as cumpre.

O não cumprimento destas expectativas familiares leva o membro da família a um sentimento de culpa, o que constitui uma força secundária de regulação do sistema familiar. Uma vez internalizada, a lealdade deixa de ser apenas uma característica do grupo, e passa a ser também uma atitude individual. Assim a lealdade vai além da identificação com o grupo e o comportamento do indivíduo passa a corresponder às exigências do grupo familiar.

Considerações finais

O presente estudo buscou apresentar a influência das famílias de origem, na construção e na manutenção da conjugalidade, a partir do relato de um caso clínico. No decorrer das sessões observou-se que a pouca diferenciação em relação à família de origem interferia de forma importante na dinâmica conjugal. Nesse sentido, entendemos ser importante ampliar o entendimento da questão da diferenciação a partir do conceito de lealdade, que funciona como uma força que impõe aos cônjuges o compromisso de manter as regras familiares e obedecer aos mandados a eles delegados. As dificuldades experimentadas no processo de separação e individuação, e a permanência de problemas não resolvidos com a família ampliada, eram os principais geradores de conflitos para o jovem casal.

A construção da conjugalidade é um processo gradual que requer o estabelecimento de fronteiras entre o casal e as famílias de origem, de forma a viabilizar a construção de um projeto conjunto entre os parceiros. Desta forma, o casal Joana e Mário precisava construir fronteiras entre seus membros, de modo a permitir que a individualidade coexistisse com a conjugalidade. Esse processo é intermediado pelo modelo que cada cônjuge traz de sua família de origem. Assim, o processo de construção da conjugalidade é influenciado tanto pela delimitação de fronteiras entre a individualidade e a conjugalidade, quanto pela relação estabelecida a partir da redefinição da identidade vinculada à relação com a família de origem.

A construção de fronteiras entre os membros do casal, e entre estes e suas famílias de origem, é importante, também, porque, um casal diferenciado, com fronteiras definidas na relação, terá uma maior capacidade para perceber as diferenças entre o eu e o outro. Ao mesmo tempo, será capaz de aceitar as diferenças e lidar com elas, estando mais fortalecido para construir a sua conjugalidade sem perder as individualidades. As expectativas em relação à dinâmica da vida de casal diferem de um cônjuge para o outro, em função dos diferentes graus de dispersão ou aglutinação que cada família de origem possa apresentar.

Para Minuchin (1982), conciliar essas diferentes expectativas é uma tarefa importante e difícil, que o novo casal terá que desempenhar.

O trabalho terapêutico com o casal, Joana e Mário, passou, necessariamente, pela criação de fronteiras entre eles e suas famílias de origem, de modo que pudessem manter um vínculo com seus familiares sem colocar em risco a intimidade do novo casal. Ao mesmo tempo, foram trabalhados, com o casal, o reconhecimento e a aceitação das diferenças dos modelos e dinâmicas presentes, em suas famílias de origem, fazendo uma diferenciação entre estas e a família que eles estão construindo. Assim, foi possível para ambos acatar as diferentes regras de convívio que trazem das suas famílias de origem, sem que para isso precisassem estabelecer juízos de valor e desqualificar o modelo do outro. Deste modo o casal pode construir as suas referências conjuntas, aceitando que a sua realidade conjugal não era uma reprodução das vivências nas famílias de origem e que isso não representava uma deslealdade, apenas um processo constituinte da conjugalidade que eles estavam efetivando. A flexibilidade para identificar as diferenças, não como empecilhos, mas como desafios, acompanhou esse casal ao longo de todo o processo terapêutico, promovendo uma redefinição das individualidades e viabilizando a construção de uma conjugalidade mais fortalecida.

Referências

- Angelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu, *O casal em crise* (pp.47-57). São Paulo: Summus Editorial.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G.M. (1973) *Invisible loyalties: Reciprocity in intergenerational family therapy*. Oxford: Harper & Row
- Bowen, M. (1985). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson
- Branco, I. (2008) *Estudo de caso: Sacrifício de um sistema conjugal diante da busca de equilíbrio com a depressão e a traição*. Monografia de especialização não publicada. Especialização em Psicologia Clínica. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, M.E. (Orgs). (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Dias, M. (2000). *A construção do casal contemporâneo*. Rio de Janeiro: Papel Virtual
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Org.) *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Falcke, D., Wagner, A. & Mossman, C. (2014). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In A. Wagner (Org.) *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 67-80). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Feres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexões Críticas*, 11(2), 379-394. Retirado em 15/11/2015 do SciELO (Scientific Electronic Library On-line) <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso>
- Loriedo, C. & Strom, P. (2002). Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. In M. Andolfi (Org.), *A crise do casal: Uma perspectiva sistêmico-relacional* (pp. 123-138). Porto Alegre: Artmed.
- McGoldrick, M. & Carter, B. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ªed.). Porto Alegre. Artmed.
- Minuchin, S. (1982). *Família: Funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Papero, D. V. (1998). A teoria sobre os sistemas familiares de Bowen. In M. Elkaim, *Panorama das terapias familiares* (Vol. 1) (pp.71-100). São Paulo: Summus Editorial.
- Venturini, N. J. (2011). *Conjugalidade nos anos iniciais do casamento: Experiências na família de origem*. Dissertação de mestrado não publicado. Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

Endereço para correspondência

liliabittencourt@gmail.com
marcelflores@hotmail.es
zomoreno@gmail.com
monivas.dias0@gmail.com

Enviado em 19/10/2015
1ª. Revisão em 08/11/2015
Aceito em 27/03/2016